



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10337 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**ENTRE O INEGOCIÁVEL E O INADIÁVEL - OS AFETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA.**

Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello - COLÉGIO PEDRO II

Juliana D'Elia Sampaio Ferreira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Maria Luzinete de Martins Pereira Moreira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

**ENTRE O INEGOCIÁVEL E O INADIÁVEL -**

**OS AFETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA**

Este ensaio apresenta um movimento de rememoração realizado por três professoras de Educação Infantil - de duas escolas Federais e uma Escola Comunitária, que, em contato com as experiências educativas umas das outras, durante o acaso de suas participações em uma aula de estágio obrigatório na universidade, viram-se impelidas em aprofundar suas reflexões sobre as brechas para os afetos e o Cuidado (BOFF, 1999) nas discussões e ações institucionais durante a pandemia. Cientes do desafio ético de pesquisarem suas próprias trajetórias, utilizaram a metodologia narrativa para retomarem antigos registros e, buscando um movimento exotópico contínuo de aproximação e afastamento dos acontecimentos, utilizaram rodas de conversa virtuais, para serem o excedente de visão uma das outras, construindo novos registros e reflexões a partir delas.

Palavras-chaves: crianças, vínculos de afeto, cuidado, professoras, pandemia.

*Quem fala em jejum fala do sonho como se falasse de dentro do sono. (Benjamin, 1987)*

Neste trabalho buscamos apresentar o início da pesquisa que se dedicou a justapor as aproximações e diferenças das nossas experiências, enquanto educadoras de três Instituições de Educação Infantil do Estado do Rio de Janeiro, sendo elas, duas escolas federais e uma creche comunitária, durante o período pandêmico entre março de 2020 e maio 2021, com o objetivo de compreender como as questões dos afetos ganharam lugar nas discussões e ações de nossas instituições e como damos sentidos a estas ações.

Considerando nossa metodologia narrativa, é importante esclarecer que este texto

nasceu de um convite feito a nós, que ainda não nos conhecíamos, para que compartilhássemos nossas práticas em nossas respectivas escolas, durante o período remoto, em uma aula no curso de pedagogia de uma universidade federal do Rio de Janeiro, na disciplina de Estágio Obrigatório. Durante as apresentações percebemos algo de inaugural, pois, mesmo diante de narrativas muito semelhantes, ricas em desejos e ações responsáveis dos adultos de nossas instituições, observamos pelas “janelas virtuais”, gestos, olhares, tons de vozes embargados, que demonstravam nossa inquietude em relação ao afastamento das crianças neste período.

Percebendo as aproximações, mesmo diante de contextos tão diferentes, nos perguntamos como construir uma metodologia que, ao mesmo tempo em que permitisse algumas imagens possíveis do vivido nas três instituições, permitisse o espaço para as fissuras e desvios que poderiam surgir de um território tão conhecido por um lado e tão desconhecido por outro. Nesse sentido, utilizamos uma perspectiva Benjaminiana (1984), pautada no conceito de Mônada, na qual os fragmentos foram tratados por nós, com esforço para não desconectá-los da dinâmica social em que foram produzidos. Como nos aponta Ribes (2012), podemos manusear os símbolos e alegorias para captar não somente os fatos narrados sobre as instituições, mas, em certa medida, justapor com os sentidos expressos pelas educadoras, compreendendo as dobras da história e colocando luz, também, em seus cacos e transparências.

Considerando a delicadeza da posição de pesquisadoras de nossas próprias experiências, realizamos dois movimentos diferentes para experimentarmos a rememoração do vivido, sendo o primeiro o registro textual e troca dos relatos que foram levados para a aula na universidade. O segundo movimento foi a realização de duas rodas de conversa virtuais, para que pudéssemos levantar novos fragmentos que ampliassem nossa visão das vivências nas três instituições, no intuito de compreendermos seus contextos sociais e institucionais. É importante salientar que nestes movimentos de retomada dos registros e experiências individuais, fomos construindo novas narrativas e novos sentidos foram gerados, transformando, assim, as próprias narrativas do vivido.

Constatamos que, diferentemente da instituição comunitária, na qual as crianças puderam ir à escola nos primeiros meses para buscar alguns brinquedos, o contato sistemático com as crianças, mesmo que virtual, foi sendo adiado por aproximadamente 6 meses nas instituições federais. E, a partir desta constatação da complexidade e das ambiguidades vividas pelas três instituições para pensarem os afetos de adultos e crianças durante o isolamento social, que a categoria central a guiar nossa análise neste trabalho deveria ser: as brechas para os afetos entre o inegociável e inadiável nas decisões e ações das instituições.

Durante a segunda roda, enquanto uma das educadoras trazia pontos de sua experiência, as demais anotavam as expressões e percepções pessoais sobre o vivido. No final de algumas horas, as perguntas iniciais foram retomadas e devolveu-se à roda as anotações para que pudessem ser o excedente de visão uma das outras, experimentando um movimento de exotopia como sugere Bakhtin (2003).

Como pontos semelhantes, observamos que, nos primeiros meses de 2020, as três instituições suspenderam o atendimento das crianças, com o objetivo de protegê-las de uma possível contaminação pelo COVID 19, como indicava os decretos e leis estaduais, pois se tratavam de espaços coletivos de interação. De forma muito semelhante, também, as três instituições não aguardaram decretos ou pareceres sobre ensino remoto para começarem a agir e pensar a Educação Infantil em tempos de Pandemia, reunindo a equipe após alguns dias do fechamento para discutir o que fariam.

Em conversas com suas equipes internas, as três instituições compreenderam que era

inegociável manterem os vínculos das famílias com a escola e, por esta razão, as duas escolas federais criaram espaços nos sites institucionais com o objetivo de conectar a comunidade escolar durante o período de distanciamento social causado pela pandemia. Na creche Comunitária, a diretora construiu um grupo de Whatsapp com todas as famílias e iniciou as postagens.

Falas importantes expressadas espontaneamente pelas três educadoras, nas rodas, revelaram o que foi inegociável para elas ou alguns de seus colegas professores naquele primeiro momento: *"Eu achei que a Educação Infantil iria acabar de vez, por isso, me movimenter para chegar às famílias"*. *"Eu não queria que a Escola se apagasse para as crianças"* Juliana. *"Eu preciso saber como as crianças estão, preciso explicar para elas o que está acontecendo"*.

Outro ponto convergente nas três experiências foi que nos primeiros meses, a centralidade da ação dos educadores foi a oferta de propostas, como mensagens de afeto, sugestões de brincadeiras, nos blogs, e-mails, sites ou grupos de whatsapp, mas o retorno a estas postagens pelas famílias era muito pequeno e interações qualitativas com as crianças eram pouquíssimo frequentes.

Houve exceção para um encontro remoto por turma com as crianças em uma das instituições ainda no primeiro semestre de 2020, mas não configura a realidade geral nem mesmo nesta instituição.

Como diferenças, ou mesmo pontos de ambiguidade, podemos perceber que, se por um lado as escolas federais criaram sites e blogs, para garantir que as mensagens de afeto e presença chegassem às famílias de forma institucional, a equipe da creche comunitária criou um grupo de Whatsapp para garantir a aproximação em tempo real com as famílias. Além disso, quando o grupo do Whatsapp mostrou-se ineficaz para alcançar as crianças, as educadoras da creche comunitária se organizaram para um passeio próximo das casas das crianças, a fim de verem, de fato, como as crianças estavam. *"Vamos passear. Vamos ver como as crianças estão"*.

Com esta constatação, observamos que, no primeiro semestre de 2020, para as duas instituições federais, o inegociável nos primeiros meses foi manter-se presente e o fundamento desta presença, através de e-mails da escola ou sites institucionais, revelavam alguns princípios da Educação Infantil como, por exemplo, a defesa de uma educação presencial. O inegociável na creche comunitária, porém, naquele primeiro momento, foi manter o espaço da escola aberto, como referência para a comunidade, fosse para retirada de documentos, retirada de alimentos e para manterem os vínculos afetivos entre as pessoas - professores e familiares.

Outro ponto de ambiguidade que constatamos foi o fato de que, enquanto para as duas instituições federais o isolamento total foi considerado como inegociável para a manutenção dos protocolos de segurança para a proteção à vida, a equipe da creche comunitária considerou inadiável sair às ruas para conseguirem subsídios, como comida, materiais de higiene e proteção para distribuir para as famílias.

Nas três instituições, durante algum tempo, trabalhou-se com uma concepção de vínculo de afeto que não previa o diálogo e conversas, as interações entre professores e crianças, mesmo que via dispositivos eletrônicos e que as possibilidades de firmar o marco conceitual entre cuidar e educar, foram limitados pelos vários aspectos institucionais e familiares. Nas duas instituições federais, os encontros foram adiados por muitos meses, mas, quando se acordou o início dos encontros remotos com as crianças (como uma ação emergencial pandêmica), as professoras observaram que as crianças sorriram, brincaram e

mostraram a grande potência que era estarem entre os sons das vozes de seus pares, olhando os olhos das professoras, sorrindo, gargalhando e dançando. *"E eles mal me conheciam. Mas, como fui ao primeiro encontro vestida de Bruxa. Eu passei a ser a Bruxa e eles passaram a sempre perguntar por ela a mim. Uma alegria". E, na outra instituição federal, "Mesmo falando da morte, foi muito bonito ver como as crianças acolheram seu amigo"*.

Na escola comunitária, por falta de condições tecnológicas, os encontros remotos síncronos não aconteceram, mas apenas sugestões e envio de filmes e fotos entre educadoras e famílias.

Com isso, no início de 2021, a escola comunitária passou a atender as crianças presencialmente.

Entre o inegociável e o inadiável, observamos que as discussões sobre os afetos tiveram seu lugar durante a pandemia, contudo, mesmo considerados todos os aspectos que adiaram as interações virtuais com as crianças por parte de muitos professores, ainda assim, concluímos que, na melhor das intenções, as escolas se afastaram de alguns princípios essenciais da Educação Infantil, como o olhar para as crianças como potência.

Outro princípio que consideramos que poderia ter sido mais ampliado nas discussões e ações foi o princípio do cuidado, já que, dentro de um paradigma conceitual que o compreende como modo de ser humano, intimamente nascido de nossa porção afeto, foi, durante a pandemia, racionalizado como trabalho. Para Boff (1999), *o outro modo de ser no mundo se realiza pelo cuidado. O cuidado não se opõe ao trabalho, mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito - sujeito*.

As propostas cuidadosamente produzidas e postadas nos sites, blogs e grupos do whatsapp foram, sem dúvida alguma, importantes ações para o entrelugar de adultos e a reafirmação destes como sujeitos vivos - disponíveis e da escola como instituição, como aquilo que se fazia possível pelas instituições federais, diante da triste situação da pandemia. Consideramos importante, porém, levantar as dobras da história e colocar luz em aspectos importantes relacionados aos vínculos afetivos que não foram temas de discussão aprofundados nas mesmas e que são essenciais para a saúde de educadores e crianças.

Afastava-se, com isso, em grande medida, da alegria necessária para a mudança que educadores da primeira infância tanto defendem junto à sociedade. Freire (1996) nos apontaria como arrancar leite das pedras, em uma situação tão desafiante. *Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria*. Neste sentido, acreditamos que uma pedagogia Freiriana não nos conduziria a fechar os olhos para nenhum dos obstáculos que tínhamos e até de colocarmos-nos alguns limites, e não sugeriria deixar os educandos, e no nosso caso, as crianças de fora e nós, solitariamente, dentro das paredes da instituição, em busca das soluções.

Para não finalizarmos este trabalho, com a impressão de uma completude falsa, deixamos o convite da professora Tiriba (2018), muito atual para o período pandêmico e infelizmente condição atual do Brasil ainda em maio de 2021: *Se quisermos um cotidiano melhor, será preciso inventá-lo. (...) para assegurar a integridade da pessoa humana é preciso que criemos novos estilos de convivência, novas relações entre adultos e crianças que superem a superficialidade pedagógicas. (Tiriba 2018)*. Isto porque somos profissionais superficiais? Não nós, em uma situação de pandemia.

O que desejamos compreender com este trabalho é o que aprendemos com tudo isso que vivemos e como prosseguiremos daqui para adiante em relação aos nossos afetos. Convidamos a ampliarmos as noções de cuidado nas nossas decisões, pois em uma

perspectiva das culturas tradicionais - que também são nossas raízes, cuidado é atitude e é também modo de ser no mundo e, mais ainda, são as raízes que fundam os corpos-crianças e aparecem como marcas das culturas infantis. Separarmos os cuidados com o corpo, dos cuidados com a alma, na escola, em qualquer situação, é emparedar os seres integrais, vivos, amorosos que somos. É (des) potencializarmo-nos.

*Finalizamos este ensaio com novas perguntas que foram surgindo em nossas discussões e que ainda estão entre nós para que possamos avançar na questão que nos colocamos. O que nos diriam as crianças sobre os encontros remotos com seus professores e outras crianças? O que nos diriam os demais professores sobre o que é inegociável e inadiável em meio à pandemia? O que nos diriam as famílias das crianças sobre o que para elas é inegociável e inadiável nestas relações entre a vida, a família e a escola neste momento?*

#### Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do Russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzevan Todorov. - 4a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2003

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOFF, L. **Saber Cuidar: Ética do Humano - Compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CORREA, C. S; SOUZA, S. J. **Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica**. Mnemosine vol.12, no.2,p.2-25 - 2016.

OTTE, G. **Rememoração e Citação em Walter Benjamin**. Revista Estudos de Literatura. Belo Horizonte. V4. p. 211-223, out 96.

RESENDE, M. N. e RIBES, R. (ORGs) **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.